

*mete curar-nos, isto é, retirar-nos da bênção das obrigações que nos cabe cumprir, perante as leis de Deus, mas sim promete aliviar-nos e auxiliar-nos. Confiamos no Mestre Divino e trabalhemos.”*

*Entendi a lição que me era dada e resignei-me.*

*Hoje, depois de transcorridos trinta e seis anos sobre este diálogo, agradeço ao Senhor a bendita doença que carrego nos olhos, sempre tratada por médicos amigos e por amigos espirituais, pois, ela tem sido em todo esse tempo um agente providencial, induzindo-me à reflexão e ensinando-me a respeitar o sofrimento dos outros.*

A nossa conversação se mantinha em elevado nível de interesse e entusiasmo, entretanto, o horário tanto chamava Chico Xavier quanto eu mesmo a deveres inadiáveis e, à vista disso, resolvemos terminar.

## *Seis Questões com Chico Xavier*

*Palavras de Chico a Isidoro Duarte Santos, sobre assuntos de maledicência, em torno da mediunidade:*

—  STÁVAMOS, certa vez, sob chuvas de observações e eu pedi ao Espírito de Emmanuel: “que fazer! dizem tanto mal...” e ele respondeu: “Olha, a bôca do mal na Terra é como a bôca da noite. Ninguém consegue fechá-la. Vamos trabalhar, trabalhar...”

Da revista “Estudos Psíquicos”, de Setembro de 1965.

*Pergunta de J. Martins Peralva a Chico Xavier*

— Chico, a que espírita do Brasil devemos o lançamento do seu primeiro livro mediúnico?

Resposta: Tivemos em Manoel Quintão, o nosso inesquecível amigo da Federação Espírita Brasileira, o apoio decisivo para o lançamento de “Parnaso de Além-Túmulo”, o primeiro livro de nossas modestas faculdades mediúnicas, em 1932. Desde o início de nossas atividades na seara espírita, encontrei nêle um orientador, cuja dedicação não posso esquecer. De uma bondade infatigável e de uma paciência sem limites para comigo, Manoel Quintão foi para mim, desde o nosso primeiro contato, um mentor amigo e um guia paternal, que vive constantemente em meu culto pessoal de carinho e gratidão.

De "O Espírita Mineiro", de Julho de 1967.

*Quatro perguntas do Autor*

— Chico, quando se verificou, exatamente, a sua entrada para o Ministério da Agricultura?

— Entrei para os serviços do Ministério da Agricultura, precisamente em 1933, enquanto trabalhava nas horas que me sobravam do expediente na repartição, no armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, com quem servi na condição de caixeiro. Acontece que em 1932, ele fôra acometido de uma trombose cerebral, que o deixou praticamente incapaz de atender às atividades comerciais. O armazém dele era muito pequeno e eu era o empregado único. Doente, não conseguiu o Sr. Felizardo Sobrinho movimentar os negócios que lhe davam respeito e, em 1933, não mais pôde pagar-me os salários a que eu tinha direito e que eram, então, de sessenta mil réis por mês (seis centavos na moeda brasileira de hoje) e, em vista disso, conhecendo a minha situação, um generoso amigo, Fausto Joviano, conseguiu um lugar de serviço, em meu favor, na ex-Inspeção Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, em Pedro Leopoldo. Quando a reportagem de "O Globo" estêve por algum tempo, em Pedro Leopoldo, em 1935, reportagem essa da qual nasceu o livro "Palavras do Infinito", eu recebia o Sr. Clementino de Alencar, representante do grande vespertino carioca, no armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, a quem continuei prestando serviço gratuitamente nas horas vagas. O armazém teve as suas atividades encerradas, a 30 de Junho de 1935, pela impossibilidade em que se via o proprietário de pagar os impostos do segundo semestre daquele ano, motivo pelo qual sómente a 1 de Julho de 1935, me fixei de maneira definitiva nos serviços da repartição que mencionei.

— Pode você confirmar suas lembranças sobre o dia e lugar exatos em que você viu o Espírito de Emmanuel pela primeira vez?

— Não me recordo a data precisa. Lembro-me de que foi numa tarde de domingo, em 1931, durante uma pequena reunião de preces, ao ar livre, que eu costumava fazer, em companhia de duas senhoras, irmãs da seara espírita, D. Joanninha Gomes e D. Ornélia Gomes de Paula, num local de nome "Açude", ao lado da linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Pedro Leopoldo.

— Compreendendo que você tem servido de médium para os nossos Benefícios Espirituais em algumas dezenas de livros, lançados pela Federação Espírita Brasileira, pode dizer-nos com qual dos Presidentes da venerável Casa de Ismael trabalhou você mais tempo?

— Sempre encontrei entusiasmo e apoio para a obra do livro mediúnico, em todas as autoridades da Casa de Ismael e dos Presidentes da Federação Espírita Brasileira, posso dizer que me relacionei profundamente com Dr. Guillon Ribeiro e Manoel Quintão, tendo conhecido igualmente Leopoldo Cirne, com quem mantive confortadora correspondência. Dos Presidentes da F.E.B., porém, com quem tenho tido maior, mais intenso e mais prolongado intercâmbio é o nosso caro Dr. Antônio Wantuil de Freitas, em cujo dinamismo e abnegação reconheço haver encontrado um verdadeiro apóstolo na Causa do Livro Espírita, não apenas desde 1943, quando foi eleito para a Presidência da F.E.B., mas desde 1932, quando nos conhecemos, através de correspondência. Lembro-me de que foi ele, Dr. Wantuil de Freitas que em 1932, depois do lançamento de "Parnaso de Além-Túmulo", me escreveu, em nome de Vovó Virgínia, nobre entidade que o auxiliava em seu jornal "A Verdade", que então era por ele editado no Rio, oferecendo-me dez livros espíritas que foram para mim um tesouro de conhecimentos novos, de vez que em 1932, a aquisição de livros, pelo menos para mim, era muito difícil e, às vezes, quase impossível ante as dificuldades da vida material.

— Chico, sabendo nós todos que ninguém pode trabalhar sózinho, que instrução tem dado Emmanuel a você para ven-

cer o que podemos chamar por "crises de cooperação"? em seus quarenta anos consecutivos de trabalho mediúnico, de que modo se comporta você quando companheiros militantes arrefecem no ardor ou se afastam do trabalho ao seu lado para atenderem a obrigações ou atividades outras?

— Emmanuel ensina-me que cada um de nós tem o seu próprio tipo de felicidade. Devemos, assim, acatar os caminhos uns dos outros. Quando nos capacitamos de que é preciso respeitar os companheiros e amigos como são, no que escolhem, naquilo que fazem, com quem passam a viver e onde estão, os problemas da inquietude por causa dêles desaparece, porque, em qualquer parte e como estejam, são sempre criaturas a quem estimamos, ainda mesmo quando a nossa convivência se faça transitóriamente difícil. Quanto ao mais, mesmo em nos referindo àqueles que se afastam de nós, descontentes conosco, em razão de pontos de vista desarmônicos, muito naturais nos que trabalham nas causas do espírito, por que aborrecer-nos, se temos a consciência tranquila? Emmanuel costuma afirmar-me que cada coração é um mundo por si e que se o próprio Senhor respeita o livre arbítrio de cada criatura, como agastar-nos com os amigos que se ausentam de nós, livres como todos somos perante Deus?

### *Entrevista de Chico Xavier em "Anuário Espírita 1967"*

**H**á cerca de dois anos, repórteres de conhecida revista mensal brasileira, atualmente fora de circulação, procuraram Xavier com uma série de indagações que foram por ele respondidas. O citado mensário não publicou esse curioso inquérito que foi conservado em nosso arquivo, por gentileza do médium, razão pela qual cedemos a peça ao "Anuário Espírita" de 1967, publicado em Araras, Estado de São Paulo, e, agora, situamo-lo neste livro, em virtude de considerar os esclarecimentos prestados por Xavier, profundamente significativos para a elucidação dos assuntos que o seu quadragésimo ano de mediunidade ativa nos sugere.

Com esta explicação preliminar, passamos à interessante documentação:

1

P — A situação do Espiritismo no momento, no Brasil e no mundo.

R — O Espiritismo no Brasil é o Cristianismo redivivo. Religião e ação de Nossa Senhor Jesus Cristo, através das explicações de Allan Kardec, junto do povo e com o povo, ensinando-nos com os princípios da evolução e da reencarnação, da fraternidade e da justiça, que todos somos responsáveis pelos próprios atos e que as leis divinas funcionam na Terra ou em outros mundos nos mecanismos da consciência de cada um. Os benfeiteiros desencarnados esperam que essa